

O CINEMA ENQUANTO ARTIFÍCIO PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA URBANA: UMA PROPOSIÇÃO METODOLÓGICA¹

Rodrigo Sartori Bogo²
Renata Schramm Corrêa³

RESUMO

As últimas décadas forneceram, a partir de críticas pós-modernistas e pós-estruturalistas, maior incentivo à integração entre artes e ciências, beneficiando à segunda novas visões perspectivas analíticas. Na Geografia especificamente, o cinema se apresenta enquanto arte e técnica de significativa relevância para ensino e pesquisa, destacando-se sua contribuição ao entendimento dos espaços urbanos. Este artigo se insere neste contexto ao propor uma metodologia específica de ensino-aprendizagem que utiliza a análise fílmica enquanto artifício para o debate e compreensão de conceitos da Geografia Urbana. Ao assumir o espaço como produto, condição e meio, a representação é entendida com dialética, em que é produzida pelo espaço ao mesmo tempo que o produz, logo, evidência a importância da representação cinematográfica sobre a cidade. De matriz qualitativa, a metodologia apresenta o desenho e os fundamentos do experimento realizado em turmas do ensino superior, e os resultados apontaram para um melhor entendimento e debate mais profundo e engajado da parte dos estudantes ao trazerem suas próprias experiências com a arte cinematográfica. As conclusões apontam para os benefícios do uso do cinema (seja por trechos, capturas ou descrição) para o ensino do tópico abordado, além de prover caminhos para a sua replicabilidade.

Palavras-chave: Metodologia de ensino-aprendizagem; Estudos urbanos; Produção do espaço urbano; Geografia e Cinema; Audiovisual.

ABSTRACT

The last decades provided, from postmodernist and poststructuralist critiques, a higher incentive to the integration between arts and science, benefiting to the later new visions and analytical perspectives. Specifically in Geography, cinema presents itself as an art and technique of significant relevance for research and education, its contribution standing out to the understanding of urban spaces. This article is inserted in this context proposing a new specific teaching-learning methodology that utilizes film analysis as an artifice for debate and comprehension of Urban Geography concepts. When assuming space as a product, mean and condition, representation is understood as dialectic, in which it is produced by space while also producing it, therefore evidencing the importance of cinematographic representation about the city. Based on a qualitative matrix, the methodology presents the fundamentals and design of the experiment carried out in higher education classes, and the results indicated to a better understanding and deeper debate and engagement from the students, where they brought their own experiences with the cinematographic art. The conclusions point to the benefits in the use of cinema (whether by short excerpts, screenshots or only descriptions) to the teaching of the approached topic, while promoting paths to its replicability.

¹ Este trabalho está diretamente associado ao estágio-docência do primeiro autor, vinculado ao projeto nº 2021/4556-0, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista (FCT/Presidente Prudente) - SP, rs.bogo@unesp.br;

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista (FCT/Presidente Prudente) - SP, renata.correa@unesp.br;

Keywords: Teaching-learning methodology; Urban studies; Urban space production; Geography and cinema; Audiovisual.

INTRODUÇÃO

A formação da Geografia enquanto ciência é composta, majoritariamente, por uma trajetória que tem elementos como o realismo e o empirismo enquanto centrais, destarte as diversas linhas teóricas e cânones de pesquisa que vieram a compô-la do século XIX até a contemporaneidade (SPOSITO, 2004; SPOSITO; CLAUDINO, 2021). Apesar do vínculo direto da obra de Alexander von Humboldt com a arte (VITTE *et al.*, 2012), a consolidação da Geografia no ambiente acadêmico – e ademais, em contexto europeu – demandou um “afastamento” da face mais lúdico-artística de tal campo do conhecimento em direção ao aperfeiçoamento de seu(s) método(s) científico(s) (CAPEL, 2008; SOUZA, 2013).

Como mostram os autores acima, esse caminho implicou em uma progressiva consolidação da Geografia no arcabouço institucional das ciências, passando por diferentes escolas – destacando-se a francesa, a alemã e a anglo-saxônica dentre os países, sendo a primeira a de maior influência no Brasil – e posteriormente se inserindo no currículo escolar. Ao longo da maior parte do século XX, após a introdução da Geografia acadêmica e escolar no país, os principais debates foram circunscritos ao longo das tradições clássica (fortemente empirista), quantitativa (ou teórica) e crítica (majoritariamente marxista, ainda que não exclusivamente), ou seja, toda fundamentadas no realismo e desassociadas – em geral - de outras matrizes de conhecimento, como a arte (GEIGER, 2004; 2005; *idem*, 2008). Em si, não se trata necessariamente de um problema, pois se associava com o espírito e concepção social deste determinado espaço-tempo, ou seja, seu *zeitgeist* (SCOTT; MARSHALL, 2015). Porém, contestações advindas de pesquisadores e pensadores associados à movimentos pós-modernos e pós-estruturalistas trouxeram e fundamentaram outros conhecimentos e técnicas para o debate em conjunto da ciência – sem confundi-los – dos quais as artes também fazem parte.

Em seus pressupostos, Lefebvre (2011 [1968]) já apontava a necessidade de ressaltar a importância da representação, no campo simbólico e imaginário, para compreender o espaço e, mais especificamente, o urbano. Dada a relevância do cinema como a arte de origem urbana e da sociedade industrial, fundamentalmente associada a representação destas (NAME, 2003; HARVEY, 2008) e de seu potencial para a licenciatura em geografia, propõe-se neste trabalho uma metodologia de ensino-aprendizagem voltada aos estudos urbanos e que tem a representação cinematográfica como fundamental para o delineamento e discussão de conceitos

entre os estudantes de diferentes graus de escolaridade. Toma-se das características do conteúdo fílmico uma vantagem para sua utilização em contextos pedagógicos, como sua linguagem multiestruturada do audiovisual, duração compatível com os da prática em sala de aula, e facilidade de reprodução de mídia.

Para tal, o presente artigo é estruturado em cinco partes, sendo esta introdução a primeira. A seguir, é delimitado o referencial teórico, que aborda as conexões entre ciência e arte – e de maneira mais aprofundada, entre geografia e cinema -, a relação destes com a pesquisa e ensino, o paradigma da produção do espaço a partir de Lefebvre (1991; 2011) e sua relação com as representações, e a contextualização da análise fílmica no campo científico. Esta última é aprofundada na seção seguinte – a metodologia – quando esta é posta enquanto estratégia válida para a pesquisa e ensino em geografia, em conjunto da sua aplicação objetiva em sala de aula a partir de um experimento didático desenhado para alunos de graduação em Geografia, de particular abordagem. A quarta seção apresenta uma avaliação qualitativa – de acordo com a metodologia – da experiência didática realizada, promovendo um debate com a literatura especializada e evidenciando as possibilidades de replicação e modificação do que foi desenvolvido. O artigo é finalizado com as considerações finais, que sumarizam os resultados, esclarecem as limitações e abrem os caminhos para experiências e debates futuros.

REFERENCIAL TEÓRICO

A aproximação epistemológica entre ciência e arte (não somente no que tange a Geografia) é relativamente recente, se iniciando enquanto processo mais amplo nas décadas de 1970 e 1980. A origem da possibilidade dessa maior integração entre esses diferentes campos do saber advém do movimento histórico/político/social interpretado como a pós-modernidade (HARVEY, 2008 [1989]), que apresentou claros rebatimentos nas ciências – especialmente as humanas e sociais -, ao expandir o leque para interpretações e análises qualitativas que iam além das verdades universais advogadas pelas correntes modernas, positivistas e estruturalistas (GEIGER, 2004; MASSEY, 2008).

Do ponto de vista metodológico, uma aceitação a interpretações da realidade oriundas de matrizes não científicas (como a arte) apresenta grande potencial para a pesquisa e o ensino, desde que os limites sejam desenhados pelo investigador de forma coerente, ou seja, em relação ao próprio trabalho e ao realizado pelos pares (DWYER; DAVIES, 2010; QUIVY; VAN CAMPENHOUDT, 2017). Especificamente para a Geografia, argumenta-se que, dos campos das artes, o cinema é possivelmente o que pode apresentar mais benefícios para os

pesquisadores e educadores, por conta de características inerentes à tal manifestação artística.

Isso é evidente no sentido que

[...] dentre todas as formas artísticas, ele [o cinema] tem talvez a capacidade mais robusta de tratar de maneira instrutiva de temas entrelaçados do espaço e do tempo. O uso serial de imagens, bem como a capacidade de fazer cortes no tempo e no espaço em qualquer direção, liberta-o das muitas restrições normais, embora ele seja, em última análise, um espetáculo projetado num espaço fechado numa tela sem profundidade. (HARVEY, 2008, p. 277)

Esse aspecto não exclui a integração de outras ramificações das artes por partes dos geógrafos – como literatura, música ou pintura, cada qual com características específicas que podem evidenciar e valorizar determinados aspectos da espacialidade – com a investigação científica e a sala de aula, mas o argumento aqui delineado vai na direção dos benefícios que o cinema tem à oferecer para a Geografia. Isso é reforçado por Geiger (2004, p. 12) quando coloca que “Com a capacidade de produzir as representações fotográficas do espaço real, o cinema pode abranger tanto o quadro natural, como o espaço construído, assim como cobrir as experiências vividas da população, inclusive as suas práticas do imaginário e do simbólico.”

Por exemplo, no filme *O Som ao Redor* (MENDONÇA FILHO, 2013), a cidade brasileira de Recife é representada por uma série de personagens em diferentes contextos da reprodução do espaço urbano. Já na cena inicial, seguimos o percurso de uma criança branca, moradora de um espaço residencial fechado. A criança se dirige a um *playground* dentro do espaço residencial, atravessando camadas de enquadramentos representativos do controle espacial promovido nestes espaços, como muros, grades e câmeras, até se encontrar com outras crianças e mulheres. As mulheres, na sua maioria pretas e pardas, estão com vestimentas distintamente uniformizadas, representando a presença do trabalho doméstico exercido por mulheres de condição social inferior, inferindo a continuidade do gênero e raça como determinante da divisão social do trabalho. Na trama, as diversas camadas de entrelaçamento entre os personagens revelam uma narrativa sobre a herança colonial, racista e classista numa metrópole que se promove enquanto símbolo de modernidade (CUNHA, 2023).

Defende-se aqui que não só a análise do espaço geográfico como um todo é beneficiado pelas representações e interpretações fílmicas, mas como tais elementos são ainda mais potencializados em um objeto geográfico específico: a cidade. Isso se justifica pela construção teórica outrora realizada pelos presentes autores (BOGO; CORRÊA, 2023), a partir do paradigma da produção do espaço de Lefebvre (1991 [1974]; 2011), de que o espaço – sendo este produto, condição e meio das relações sociais, especialmente no urbano – é composto por

uma tripla dimensional. Tratam-se de “(...) práticas espaciais, os espaços de representação e as representações do espaço. Nessa última a arte cinematográfica se relaciona mais fortemente: ao representar a cidade também a produz, principalmente no campo simbólico, interagindo com a realidade que segue em constante transformação.” (BOGO; CORRÊA, 2023, p. 4). É no campo das representações que o cinema enquanto arte se faz presente, trazendo novos elementos para análise e interpretação acerca do espaço urbano e os fenômenos que o compõem. Isso fica evidente na fala de Name (2008, p. 45)

[...] que representação e realidade não são campos opostos, estão interligadas e são complementares entre si, e suas imagens não nos oferecem o deslocamento da realidade via simulacrum, mas sim nos colocam próximo a ela, ampliando experiências e percepções [...] e particularmente no cinema têm a habilidade de nos transportar aos mais diferentes espaços e nos fazer vivenciar as mais variadas situações, sem que para isso saíamos da poltrona de frente para a imensa tela da sala de projeção.

Esse aspecto pode ser visualizado na própria literatura científica, em que autores (geógrafos ou não) têm trabalhado com a ferramenta metodológica da análise fílmica para debater e evidenciar processos socioespaciais a partir de representações da cidade, como visto em Geiger (2004), Siciliano (2007), Bluwol (2008), Harvey (2008), Souza (2016), Ripoll, Markendorf e Silva (2020), Bogo e Corrêa (2023) e Cunha (2023). O potencial da análise fílmica vai além somente da sua utilização para o debate conceitual nas publicações científicas, devendo estar presente também nas salas de aula, para os mais diversos níveis de ensino. Portanto, o presente trabalho teve como objetivo realizar uma proposta metodológica de utilização da análise fílmica enquanto ferramenta de ensino-aprendizagem (MIZUKAMI, 2001; GIORDAN; MASSI, 2023) direcionado à geografia e aos estudos urbanos – ou seja, no ensino superior – com enfoque na compreensão e debates de conceitos específicos desse campo de estudo. Porém, a estrutura apresentada na próxima seção pode ser adaptada por pesquisadores e educadores para outras temáticas e diferentes níveis de ensino, fomentando a sua replicabilidade.

METODOLOGIA

A matriz metodológica deste artigo e das atividades realizadas associadas à ele tiveram como base práticas qualitativas de pesquisa (QUIVY & VAN CAMPENHOUDT, 2017; GOÉS; MELAZZO, 2022), dado o caráter propositivo de compor uma forma de trabalhar a análise fílmica (esta, por si só, uma metodologia qualitativa) com estudantes de graduação para o

de conceitos da geografia urbana. Assumindo a sala de aula como um espaço relevante para a experimentação, a investigação e a pesquisa (GIORDAN; MASSI, 2023), a sua implementação se deu direto com os alunos – sem testes anteriores –, tendo suas impressões e participação (em conjunto das dos autores) como baliza aos resultados. Desta maneira, o trabalho executado esteve baseado em quatro procedimentos principais, dos quais: a) delimitação teórica da relação ciência-arte e geografia-cinema, da análise fílmica e dos conceitos dos estudos urbanos a serem trabalhados com os alunos; b) escolha dos filmes a serem trabalhados com os alunos; c) estruturação do plano de ensino associado à aula ministrada, incluindo seu ordenamento e atividades associadas; e d) a efetiva execução da metodologia de ensino proposta.

Entrando nas especificidades dos procedimentos, o referencial teórico principal associado à metodologia (geografia, cinema e análise fílmica) teve como referências centrais os trabalhos já citados na introdução deste artigo, que serviram tanto como referências metodológicas quanto inspiração para escolha dos filmes trabalhados. No que concerne a análise fílmica, esta é resumida como

(...) análise e à interpretação sócio-histórica, na qual o filme é compreendido à luz de seu contexto social-histórico (e geográfico) bem como a partir da análise e da interpretação simbólicas, nas quais a leitura da obra exige uma interpretação para além das relações diretas apresentadas na narrativa. (CUNHA, 2023, p. 222).

Ademais, os conceitos trabalhados com os discentes foram escolhidos a partir do plano de ensino do professor regente da disciplina⁴, sendo os seguintes: dispersão urbana; desigualdade, diferenciação, segregação e fragmentação socioespaciais; reprodução do espaço urbano; e *city-marketing* (HARVEY, 1996; 2008; CARLOS; SOUZA; SPOSITO, 2011; SOUZA, 2010, 2013; SPOSITO; GOÉS, 2013). Já os filmes escolhidos – não para serem exibidos em sua completude para os alunos, mas sim como pontos iniciais para o debate, utilizando-se de capturas de tela que representam elementos dos conceitos e processos socioespaciais trabalhados – foram baseados nos trabalhos supracitados ou a partir da análise dos presentes autores, levando à uma lista final de doze películas⁵.

⁴ A proposta aqui – e como foi realizada na prática – é de aplicar a metodologia ao final do semestre letivo, quando os conceitos já foram trabalhados com os alunos. No entanto, não é impeditivo para sua utilização em outros momentos do calendário escolar.

⁵ Dos quais: *Blade Runner* (Ridley Scott, 1982); *Blade Runner 2049* (Denis Villeneuve, 2017); *Brazil* (Terry Gilliam, 1985); *Central do Brasil* (Walter Salles, 1998); *Cidade de Deus* (Fernando Meirelles; Kátia Lund, 2002); *Distrito 9* (Neill Blomkamp, 2009); *Faça a Coisa Certa* (Spike Lee, 1989); *Lugares, Olhares* (Agnes Varda, 2017); *O Ódio* (Mathieu Kassovitz, 1995); *O Som ao Redor* (Kleber Mendonça Filho, 2012); *Parasita* (Bong Joon-Ho, 2019); e *Robocop* (Paul Verhoeven, 1987).

A utilização das capturas de tela em substituição aos trechos em vídeo foi guiada pela necessidade de permitir associar rapidamente a imagem aos conceitos, devido à limitação imposta do tempo disponível em sala de aula para a execução da experiência. Além disso, o critério de seleção buscou filmes que são frequentemente associados aos estudos urbanos - como nos trabalhos de autores citados nas seções anteriores - ou onde os conceitos geográficos propostos já se apresentam de forma mais evidente na narrativa, o que vai ao encontro das propostas de Moreira (2011), Fioravanate (2018) e Cunha (2023). Estes elementos foram combinados a uma maior popularidade destes filmes enquanto obras do cânone cinematográfico clássico ou considerando sua disponibilidade de acesso, na expectativa que estes poderiam já ter sido assistidos pelos alunos em momentos anteriores, possivelmente até em outros contextos de ensino. Tal decisão se confirmou válida quando, em um momento de listagem de filmes pelos próprios alunos (a ser descrito na próxima seção), muitas menções de obras coincidiram com a lista proposta pelos autores.

O plano de ensino foi estruturado a partir de seis elementos principais (tema, justificativa, objetivos, desenvolvimento & conteúdo, recursos didáticos e avaliação), sendo planejada uma aula dividida em três atos, dos quais: a) Introdução e contextualização; b) Debate horizontalizado guiado pelo docente; e c) Refinamento conceitual e conclusões. A aplicação da metodologia ocorreu em duas turmas – matutina e noturna – de disciplina com a temática da geografia urbana voltada à alunos dos 4º e 5º ano do curso de geografia (e outros⁶) de uma universidade pública brasileira, em Janeiro de 2023. A proposta detalhada e os resultados obtidos são descritos na seção a seguir.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A aplicação com os alunos foi estruturada, primeiramente, para conceder aos discentes a compreensão de temas que são habitualmente externos ao currículo central do curso de geografia, dos quais: a) relações epistemológicas e práticas entre ciência e arte; b) o aprofundamento desse debate em direção à cinema e geografia; e c) o que compõe a metodologia da análise fílmica e sua relevância para pesquisa e ensino, tendo como referencial os autores citados nas seções anteriores.

O procedimento, o mesmo aplicado à duas turmas, seguiu após a introdução de um momento de diálogo aberto e horizontal, do qual os alunos foram incentivados a compor uma

⁶ Apesar de ser curricularmente uma disciplina do curso de Geografia, haviam alunos matriculados de outras formações, como Arquitetura e Urbanismo e Engenharia Cartográfica.

lista (anotada na lousa pelo docente) de obras audiovisuais⁷ – curtas ou longa-metragens de ficção ou documentário, incluindo também séries televisivas – em que os fenômenos ou conceitos listados associados à produção do espaço urbano foram representados. Nesse momento, o docente atuou como um mediador, compondo uma seção da aula de viés sócio-construtivista, somando-se à abordagem cognitivista do resto do encontro (ARMSTRONG; GARDNER, 2001). Considera-se que esse momento foi o de principal ganho para os estudantes e de maior potencial para a replicação por outros docentes, visto que ambos os debates duraram em torno de uma hora (em turmas de 15 a 20 alunos cada) e a lista de obras audiovisuais indicadas pelo próprio corpo docente foi superior a 30 no total. Ademais, como mencionado anteriormente, certos filmes foram citados em ambos os encontros – como *Elysium* (Neill Blomkamp, 2013), *Distrito 9* e *Cidade de Deus* – mostrando interpretações similares e coerentes dos fenômenos representados nessas obras entre as turmas. Alguns filmes foram tratados pelos alunos antes mesmo do que pelo professor (com a sua própria exposição no terceiro ato), como os dois últimos listados acima e *Robocop*.

Isso evidencia o engajamento gerado nos estudantes em ensino superior – que pode ser replicado em outros níveis – e o potencial do audiovisual de elucidar conceitos e despertar a interpretação para fenômenos socioespaciais. No último ato da aula, novamente expositivo, o docente demonstrou a representação dos conceitos debatidos em filmes pré-selecionados, a partir de capturas de tela dos mesmos e breve descrição de elementos do roteiro, associando-os a conceitos científicos. Alguns exemplos utilizados foram as diferentes formas de representação da metrópole contemporânea na complexificação de suas periferias em *O Ódio*, *Cidade de Deus* e *Parasita* (Figura 1); os efeitos espaciais da segregação racial e socioespacial em *Faça a Coisa Certa* e *Distrito 9* (Figura 2); e as manifestações do planejamento urbano neoliberal a partir do *city-marketing* em *Blade Runner* e *Robocop* (Figura 3). Como atividade final, coube aos alunos elaborar um pequeno ensaio (de no máximo duas laudas) correlacionando uma obra audiovisual e um conceito, como forma de sintetizar o conteúdo e fechar o ciclo de ensino-aprendizagem proposto (MIZUKAMI, 2001).

⁷ Os estudantes foram orientados na semana anterior a pensarem em uma obra para discutir em sala, assim como realizarem a leitura do Capítulo 18 de Harvey (2008) e o Capítulo 13 de Sposito e Goés (2013).

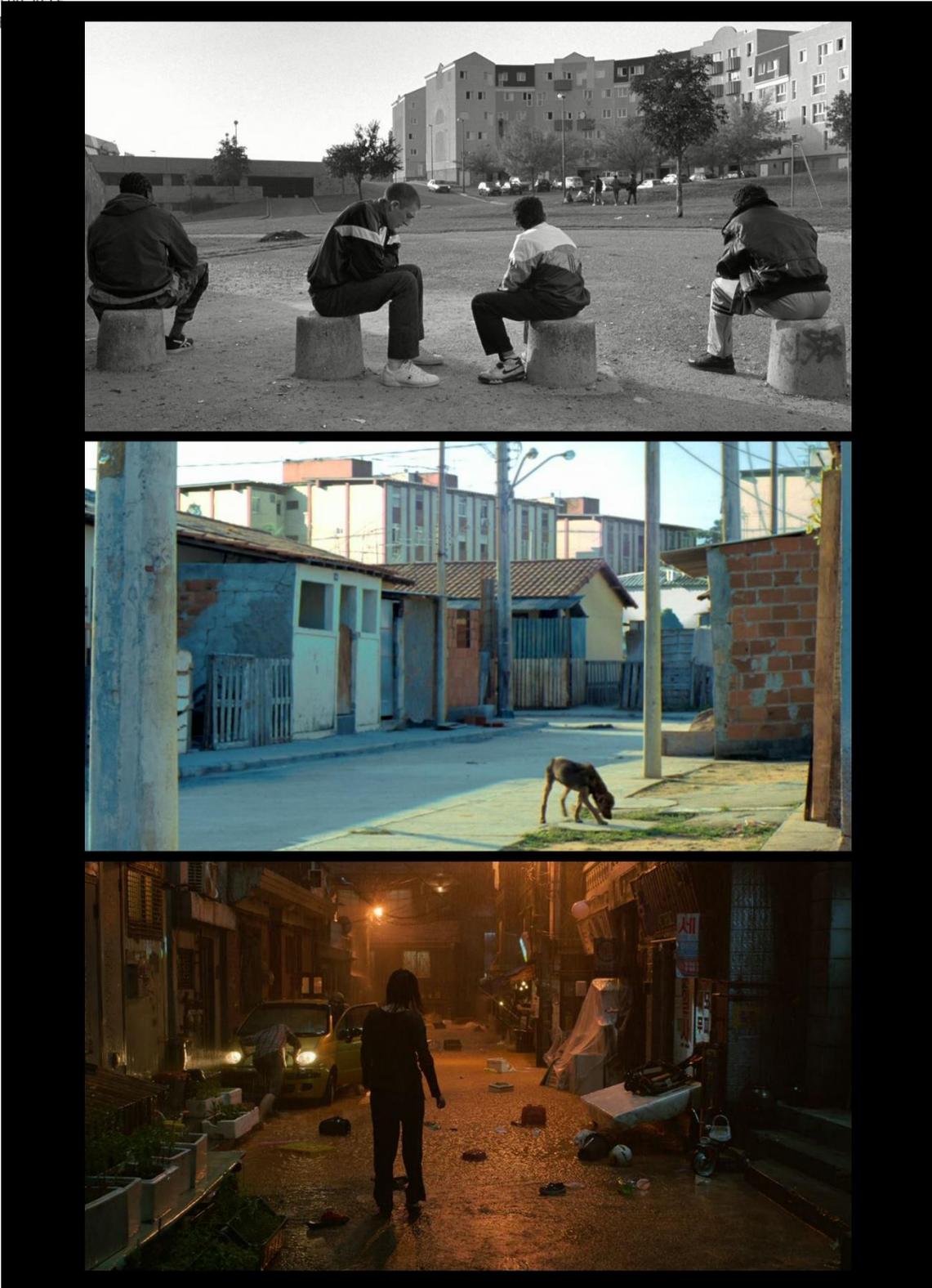


Figura 1 - Complexificação das periferias: as distâncias percebidas em *O Ódio*, a sobreposição de distintas formas espaciais ao longo do tempo em *Cidade de Deus* e a precariedade do habitar em *Parasita*.

Fonte: Kassovitz (1995), Meirelles e Lund (2002) e Joon-Ho (2019). Mosaico elaborado pelos autores.



Figura 2 – Segregação racial e socioespacial: as tensões raciais e suas consequências violentas no Brooklyn de *Faça a Coisa Certa*, e a metáfora sobre o *apartheid* e o medo da “invasão imigrante” nos extraterrestres segregados em *Distrito 9*.

Fonte: Lee (1989) e Blomkamp (2009). Mosaico elaborado pelos autores.

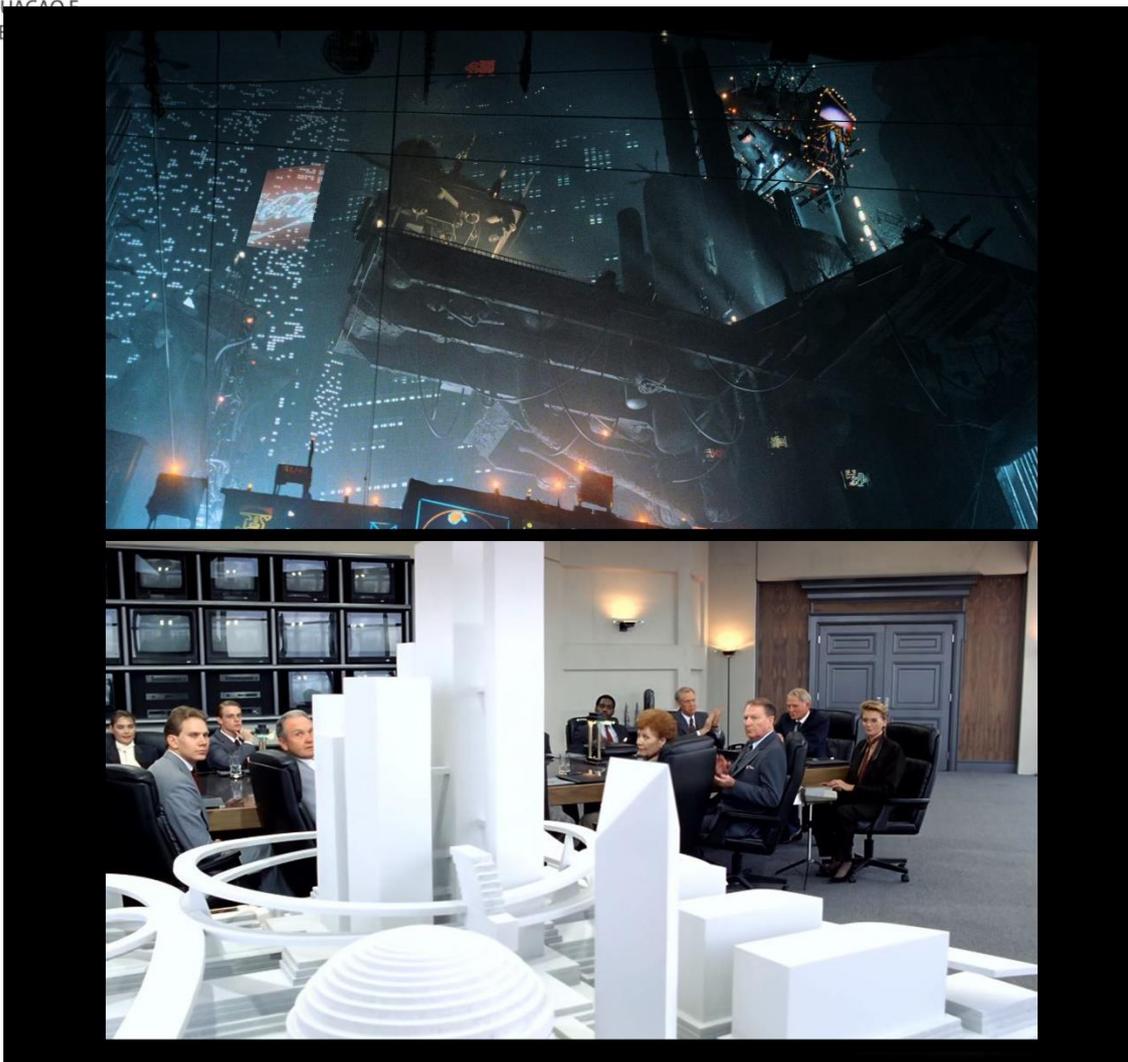


Figura 3 – *City marketing*: A hiperestimulação e incentivo ao consumo em *Blade Runner* e o empresariamento neoliberal do planejamento urbano em *Robocop*.

Fonte: Scott (1982) e Verhoeven (1987). Mosaico elaborado pelos autores.

O conjunto do debate realizado mostrou a potencialidade de articular o estímulo imagético – oriundo dos mosaicos apresentados acima, somente uma fatia das capturas de tela utilizadas em sala de aula – com elementos do roteiro e suas diferentes camadas de representação e crítica (GEIGER, 2004; MOREIRA, 2011; CUNHA, 2023). Ademais, os alunos ao serem incentivados a se posicionar, trazem seus próprios relatos de experiências como espectadores do urbano no cinema, fornecendo suas interpretações e permitindo uma partilha de conhecimentos da relação docente-discente que é aqui compreendida como proveitosa. Ao final, ficou evidente como os processos, fenômenos e conceitos desenvolvidos pela ciência para a interpretação da realidade são também abordados – de maneira artística, outro campo do conhecimento – no cinema (assim como nas outras artes). Concordando com Lefebvre (1991;

2010) tais representações não só refletem a realidade que as inspira, mas também influenciam e constroem novas visões e perspectivas sobre o espaço e as relações sociais que o compõem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da metodologia de ensino proposta em conjunto com a experiência de sua aplicação em duas turmas de curso de graduação em geografia, acredita-se que seu objetivo foi cumprido, a partir de dois elementos fundamentais. O primeiro é a estruturação da aula, associada com os conceitos e os filmes escolhidos. Sua elaboração, que serve como uma “guia”, pode ser replicada por outros educadores em diferentes contextos, modificando aspectos como os fundamentos teóricos a serem debatidos, as obras audiovisuais que serão utilizadas ou o nível escolar, sem interferir na qualidade da didática. O segundo foi a experiência de execução da metodologia com os grupos discentes, que apesar de não quantificado (em um primeiro momento), evidenciou claros resultados qualitativos positivos, com o elevado engajamento dos alunos na seção de debate, a participação também durante os momentos expositivos e os resultados encontrados nas atividades submetidas posteriormente.

Como limitações, observa-se que a ausência de um maior período de tempo para desenvolver a metodologia com mais turmas ou de maneira prolongada com as durmas turmas trabalhadas (foram realizadas somente uma aula de quatro horas com cada uma) pode ter suprimido o potencial operacional da metodologia em aspectos específicos. Por exemplo, a ausência do uso de trechos das películas escolhidas – o que englobaria elementos importantes como o movimento, sons e diálogos – por questões de tempo, é uma clara ausência para a qualidade do que se propõe. Ademais, também não foram realizadas sistematizações do resultados, como a lista de filmes propostos pelos alunos uma quantificação das respostas dos mesmos à atividade proposta, que poderia ter incrementado a análise aqui realizada.

Para futuros trabalhos, orienta-se que outros professores e pesquisadores interessados na abordagem que a aplique com o trabalho conjunto entre capturas de telas e trechos audiovisuais. A descrição da metodologia realizada ao longo deste artigo busca também sua replicabilidade, e acredita-se que não só os filmes utilizados possam servir para outros níveis de ensino, como o desenho da(s) aula(s) como um todo podem servir a outros temas relevantes à Geografia que somente as cidades e o urbano.

Conclui-se que produtos cinematográficos tem um potencial significativo de aplicação em conjunto com o campo científico da Geografia, indo além somente das resenhas ou ensaios. Sendo o campo das representações uma das dimensões que compõem o espaço enquanto



produto, condição e meio, o audiovisual deve ser explorado como relevante ferramenta para interpretar a cidade e formar novas metodologias para sua compreensão. Assim, é possível avançar à uma maior integração ciência-arte de forma criteriosa. Ademais, segue o caminho da própria representação enquanto movimento dialético no espaço urbano, incentivando interpretações e intervenções na realidade socioespacial que permitam o desprendimento proporcionado pela arte como catalisador de transformações simbólicas e práticas para docentes e discentes.

REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, T.; GARDNER, H. **Inteligências múltiplas na sala de aula**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

BLUWOL, D. Z. **Uma geografia do cinema: imagens do urbano**. 2008. 112 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

BOGO, R. S.; CORRÊA, R. S. Periferização e desigualdade na (re)produção do espaço urbano: interpretações a partir do cinema. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA, 17., 2022, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: UFPR, 2022. p. 1-21.

CAPEL, H. **Filosofia e ciência na geografia contemporânea: uma introdução à geografia**. 2. ed. Maringá: Massoni, 2008. 115 p.

CARLOS, A. F. A.; SOUZA, M. L.; SPOSITO, M. E. B. (org.). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2011. 240 p.

CUNHA, R. Uma leitura dos conflitos territoriais no Brasil contemporâneo na obra de Kleber Mendonça Filho1: 19. **Geotextos**, Salvador, v. 19, n. 1, p. 219-239, jul. 2023.

DWYER, C.; DAVIES, G. Qualitative methods III: animating archives, artful interventions and online environments. **Progress In Human Geography**, v. 34, p. 88-97, 21 maio 2009.

FIORAVANTE, K. E. Geografia e Cinema: a releitura dos conceitos de espaço, paisagem e lugar a partir das imagens em movimento. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 12, n. 1, p. 272–297, 2018. DOI: 10.5216/ag.v12i1.43532.

GEIGER, P. P. Ciência, arte e a geografia no cinema de David Lynch. **GeoUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 15, p. 11-18, dez. 2004.

GEIGER, P. P. O urbano e a estética. **Cidades**, Presidente Prudente, v. 2, n. 3, p. 63-87, dez. 2005. Disponível em: <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/cidades/article/view/12818/8418>. Acesso em: 30 set. 2023.



GIORDAN, M.; MASSI, L. **Introdução à pesquisa sobre atividades de ensino e de aprendizagem em sala de aula**. São Paulo: Editora UNESP Digital, 2023. 96 p. Disponível em: <https://editoraunesp.com.br/catalogo/9786557144527,introducao-a-pesquisa-sobre-atividades-de-ensino-e-de-aprendizagem-em-sala-de-aula>. Acesso em: 26 nov. 2023.

GOÉS, E. M.; MELAZZO, E. S. (org.). **Metodologia de Pesquisa em Estudos Urbanos: procedimentos, instrumentos e operacionalização**. Rio de Janeiro: Consequência, 2022. 451 p.

HARVEY, D. Do gerenciamento ao empresariamento: a transformação da administração urbana no capitalismo tardio. **Espaço & Debates**, n. 39, p. 49-65, dez. 1996.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 17. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008. 349 p.

LEFEBVRE, H. **The production of space**. Oxford: Basil Blackwell, 1991. 454 p.

LEFEBVRE, H. **O Direito à Cidade**. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2011. 141 p.

MASSEY, D. **Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 312 p. Tradução de Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert.

MIZUKAMI, M. G. N. **Ensino: As abordagens do processo**. 12. ed. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 2001. 119 p.

MOREIRA, T. A. Geografias Audiovisuais: Para além das Geografias de Cinema. **GeoTextos**, v. 7, n. 2, p. 85-97, 2011.

NAME, L. Escalas de representação: sobre filmes e cidades, paisagens e experiências. **RUA: Revista de urbanismo e arquitetura**, v. 7, n. 2, 2008.

O Som Ao Redor. Direção de Kleber Mendonça Filho. Produção de Emilie Lesclaux. Roteiro: Kleber Mendonça Filho. Música: Dj Dolores. Recife: Cinemascópio, 2012. (131 min.), son., color.

QUIVY, R.; VAN CAMPENHOUDT, L. **Manual de Investigação em Ciências Sociais**. 7. ed. Lisboa: Gradiva, 2017. 282 p.

RIPOLL, L.; MARKENDORF, M.; SILVA, R. S. (org.). **Cinema e distopia: exploração de conceitos e mundos paralelos**. Florianópolis: UFSC, 2020. 393 p.

SCOTT, J.; MARSHALL, G. Zeitgeist. In: SCOTT, J.; MARSHALL, G. **A Dictionary of Sociology**. Oxford: Oxford University Press, 2015. Disponível em: <https://www.oxfordreference.com/display/10.1093/acref/9780199533008.001.0001/acre-f-9780199533008-e-2520?rskey=pvF3l2&result=2520>. Acesso em: 30 ago. 2023.

SICILIANO, A. La Haine: framing the 'urban outcasts'. **ACME: An International E-Journal for Critical Geographies**, Prince George, v. 2, n. 6, p. 211-230, dez. 2007.



SOUZA, G. L. **Espaços de colisão**: representações do espaço urbano no filme Crash - No Limite. 2016. 83 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

SOUZA, M. L. **Mudar a Cidade**: Uma Introdução Crítica ao Planejamento e à Gestão Urbanos. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. 556 p.

SOUZA, M. L. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SPOSITO, E. S. **Geografia e Filosofia**: contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: Editora Unesp, 2004. 224 p.

SPOSITO, E. S.; CLAUDINO, G. S. (ed.). **Teorias na Geografia**: avaliação crítica do pensamento geográfico. Rio de Janeiro: Consequência, 2021. 600 p.

SPOSITO, M. E. B.; GOÉS, E. M. **Espaços fechados e cidades**: insegurança urbana e fragmentação socioespacial. São Paulo: Editora Unesp, 2013. 359 p.

VITTE, A. C. *et al.* Ciência e estética na ciência humboldtiana e os fundamentos da Geografia Física moderna. **Geosul**, Florianópolis, v. 27, n. 54, p.7-32, dez. 2012.